

Uma comunicação sem fronteiras: contribuições teóricas da psicanálise¹

Pablo O. V. Abreu²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Consideração do cenário do final do séc. XX e início do XXI como metáfora para o campo teórico da Comunicação no intuito de entender as características que, no atual século, foram ressaltadas pela pós-modernidade e pela estrutura em rede. Consideram-se as contribuições trazidas pela Transformática, teoria psicanalítica da comunicação apresentada nos anos 1990, tomando-as como modo de operação para um pensamento sem fronteiras, uma vez que estas têm sido desfeitas diante das tecnologias digitais e das novas possibilidades de comunicação. Toma-se a Transformática na suposição de que ela desloca o entendimento para além dos lugares de alienação que a cultura cria e abre novas possibilidades para entender os acontecimentos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias da Comunicação; Nova Psicanálise; Pós-modernidade.

Introdução

Pensar sobre a Comunicação é de imediato pensar em conexões. Isso porque sua proposta sempre foi uma questão em aberto - haja vista as discussões epistemológicas que há muito intrigam diversos pesquisadores da área (SODRÉ, 2012) (BRAGA, 2011) - sujeita à diferentes e envolventes cruzamentos entre o homem, o social, a natureza e as ciências. Esse fato, que a princípio remete para uma ideia de incerteza e para falta de limites bem demarcados, pode ser eminente se tomarmos esses cruzamentos e conexões como algo intrínseco a este mundo e a nossa condição. Qualquer situação que se apresente, desde as composições moleculares, são formadas de associações. Discutir sobre a Comunicação passa, então, a ser efetivamente interessante devido à sua preliminar envolvente. Compreendê-la pode significar conhecer um emaranhado de situações antropológicas, sociológicas, econômicas, situacionais, psíquicas e históricas em jogo num situado momento. Ao passo que o contrário também se apresenta: todo esse cenário é indicativo de um conhecimento sobre a Comunicação.

A par desses pensamentos, este *paper* tem como proposta localizar o campo teórico da Comunicação a partir da última virada do século. O objetivo é entender o ambiente

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Foz do Iguaçu, PR - 2 a 5 de setembro de 2014.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientado pelo Dr. Potiguara Mendes da Silveira Júnior. Pesquisa sobre Comunicação e Psicanálise. Email: abreu.pablo@hotmail.com.

contemporâneo pós-queda do muro de Berlim e buscar questões relevantes para um modelo teórico ao campo comunicacional capaz de abranger as características do atual momento. O tema desenvolvido investiga o cenário pós-moderno – em autores como Lyotard (1993), Harvey (1994) e Bauman (2001) - e as noções de rede (CASTELLS, 1999), bem como suas características, prerrogativas e implicações, levando-se em conta as ideias de Santaella (2003), Jenkins (2009), Shirky (2011), Murray (2003) e outros, como vislumbre inicial para se pensar a comunicação no séc. XXI. Apresenta ainda a psicanálise e a sua relação com todo esse cenário, sugerindo a Transformática, teoria da comunicação desenvolvida por MD Magno, no Brasil, a partir dos anos 90, como uma proposta de operação para todas essas questões.

Vale ressaltar que esta é uma pesquisa ainda em andamento, iniciada no primeiro semestre de 2014, vinculada ao mestrado em Comunicação. O tema ainda não busca definições plenas e definitivas, mas sim pensar cientificamente dentro de um certo recorte em possibilidades e pontos considerados fundamentais para o pensamento teórico e prático do campo. Pretende-se com isso abrir discussões e questionamentos em torno do assunto pesquisado.

Diluição de fronteiras e estruturas em rede

O século XX foi sensivelmente um período de virada no pensamento cultural, social, político, econômico e científico. Guerras, fronteiras, valores, identidade, globalização, tempo, espaço e dinheiro estavam na balança dos conceitos colocados em dúvida e compuseram um cenário repleto de interrogações representativas da transição de significados, de relevância junto à sociedade e de crise, que culminaram na chamada pós-modernidade. Herdeira do período pós-industrial e pós-guerra, essa época foi marcada pela fragmentação, flexibilidade e quebras de consensos que refletiram nos modos de pensar, agir e sentir do homem, compondo um ambiente de transformações sobre diversos campos do saber e da sensibilidade. Esse cenário foi descrito por muitos autores que buscaram apreender o presente e a ruptura que ele indicava.

Lyotard (1993), em seu livro “O pós-moderno” (*La condition postmoderne*), apresentou, pela via da linguagem, a crise das narrativas culturais legitimadoras e unificadoras da era moderna, marcadas na sequência por um sentido de instabilidade, não concordância e jogos de linguagem. Falou em crise dos relatos, que envolvia inclusive a ciência marcadamente presa aos preceitos do seu berço positivista.

Hall (2006) procurou descrever o sujeito pós-moderno como caracterizado pela ausência de uma identidade fixa. Na visão do autor, a identidade é fruto da história e não da biologia, de forma que é continuamente transformada em função das representações dos sistemas culturais. Como no período do qual se fala estes são flexíveis, e como todos estão em relacionamento com outros sujeitos, o resultado indicado pelo pesquisador era de que a identidade se adaptava ao ambiente em que momentaneamente a pessoa se encontrava inserida.

Harvey (1994), após um trabalho panorâmico sobre a modernidade e pós-modernidade, elencou algumas características desse último período. Dentre elas, destacam-se a “volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias e ideologias, valores e práticas estabelecidas. A sensação de que tudo o que é sólido se desmancha no ar”; “ênfase nos valores e virtudes da instabilidade [...] e da descartabilidade [...], ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser” (HARVEY, 1994, p. 258).

Essas ideias de maleabilidades e fluxos foi desenvolvida também por Bauman (2001), que tornou-se referência para compreensão desse período ao elencar a liquidez como metáfora para os acontecimentos do final do século XX e início do XXI. Em contrapartida ao período anterior, chamado por ele de “modernidade sólida”³, a era dos líquidos é assinalada pela inconstância, leveza no lugar de formas antes consideradas duras, desprendimento aos conceitos de tempo e espaço euclidianos, à flexibilidade, fluidez e mobilidade. A metáfora desse autor traz consigo a proposta de “repensar os velhos conceitos que costumavam cercar as narrativas” (BAUMAN, 2001, p. 15). A sociedade sempre se estruturou a partir de referências, consideradas padrões, como por exemplo a família, a hierarquia, a verticalidade, a ordem (lei), os valores e a estabilidade. O que a pós-modernidade veio questionar foi justamente essas referências, demonstrando sua verdadeira natureza, desestabilizando-as.

São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos

³ Em Bauman, “modernidade sólida” resume as características de uma era condensada e sistêmica e, conseqüentemente, os seus comportamentos, formas de relacionamento, economia, relações de trabalho e noções de identidade. Segundo o autor (2001, p. 10), os tempos modernos encontraram sólidos do período anterior em avançado grau de desintegração e trataram logo de “derretê-los” para então “inventar sólidos de solidez duradoura”, em “que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável”. Apesar de ter se sustentado por algumas décadas, esses sólidos foram novamente colocados em processo de derretimento durante o século XX, ganhando, porém, novas formas menos duras, que sustentaram todo o pensamento de Bauman: a chamada “modernidade líquida”.

quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam guiados tão somente por sua própria imaginação [...]. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de grupos de referência predeterminados a uma outra de comparação universal, em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo (BAUMAN, 2001, p. 14).

Esse contestar de antigas referências desencadeou, segundo o autor, as mudanças percebidas nesse final de século, de maneira tal que o tempo agora é o da instantaneidade (ibid., p. 16), os espaços não são mais norteados pelas ideias de fronteiras e os hábitos nômades dominam a maioria assentada (ibid., p. 20), o trabalho não é organizado pela ordem da estabilidade, mas sim pela flexibilidade (ibid., p. 185) e o poder está nas mãos daqueles que evitam o durável em detrimento do transitório e da extraterritorialidade (ibid., p. 21).

A passagem descrita por Bauman é a transição da “era do *hardware*” (ibid., p. 132), “pesada e obcecada pelo volume” - onde “tamanho é poder e volume é sucesso” - das máquinas gigantescas, das conquistas territoriais, de riqueza e poder relacionados ao espaço, para a era do “*software*”, onde o mundo é percebido como “múltiplo, complexo e rápido e, portanto, como ambíguo, vago ou plástico” (ibid., p. 136). É a época do “desengajamento, da fuga fácil e da perseguição inútil” (ibid., p. 140). O tempo é o agora e não há mais a diferença entre longe e perto. “O capital pode viajar rápido e leve, e sua leveza e mobilidade se tornam as fontes mais importantes de incerteza para todo o resto” (ibid., p. 141). O maior não é mais considerado o mais eficiente. Há agora “a obsessão pela redução do tamanho” (ibid., p. 142), haja visto o tamanho cada vez mais abreviado e leve dos aparelhos eletrônicos/tecnológicos que ligam as pessoas numa rede global em questão de segundos.

As características pós-modernas associadas aos acontecimentos do último século podem ser o norte que levou Castells (1999) a propor um outro modo de estrutura social advinda dos avanços históricos e tecnológicos, e que se mostrou indicativo do atual momento - a “Sociedade em Rede” -, e de um outro paradigma - o da informação. Para o autor, essa “nova estrutura social está relacionada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX” (CASTELLS, 1999, p. 51). Nessa reestruturação, as “redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a

difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (id., p. 565).

Sinteticamente descrita como um conjunto interligados de nós virtuais por onde correm os códigos binários (zero e um, conjunto de toda informação digitalizada pelos computadores), as redes representam um modo de organização geográfica sem a ideia clássica de fronteiras, espaços físicos e tempo cronológico – fala-se então em “espaço de fluxos”⁴ e em “tempos intemporais”⁵.

A Comunicação tem seu momento em meio a todas essas questões. A partir das guerras do séc. XX e das inovações tecnológicas, percebeu-se o seu potencial, tanto é que foram muitas as interseções com outros campos do saber numa contribuição e apropriação em via de mão dupla. Findo o século, seu potencial pode ter sido novamente ressaltado, pois se a informação representa – como propõe Castells – a chave do atual paradigma, a Comunicação tem em mãos grandes possibilidades de operacionalizar um conjunto de ações e propostas relevantes em diversos níveis. As pesquisas que vislumbram essas possibilidades já estão em processo e são muitas. Aqui vale citar os conceitos basilares – assim como foi feito até agora com a pós-modernidade e a rede – que têm sustentado a maioria dos estudos e características sobre esse assunto.

Para início, vale a conceituação de Lévy (2010) em torno dos termos ciberespaço e cibercultura. O primeiro deles, retirado da literatura de William Gibson, em seu livro *Neuromancer*⁶, diz respeito ao “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2010, p. 94). A sua lógica confere a cada um de seus pontos a perspectiva de ser um nó da rede onde a princípio não é possível demarcar nem um início, nem um fim. Trata-se de um espaço “no qual a geografia física não importa, pois qualquer lugar do mundo fica à distância de um clique” (SANTAELLA, 2007, p. 178). É, portanto, “um espaço que está em todo lugar e em lugar nenhum, no qual praticamos e produzimos eletronicamente” (ibid., p. 198).

⁴ O espaço de fluxos (CASTELLS, 1999) é diferente da noção de espaço de lugares e está relacionado à estrutura social em rede: fluxos de capitais, de informação, tecnologia, interação organizacional, imagens, sons, símbolos etc. O autor diz que existem três camadas de suportes materiais que juntos constituem o espaço de fluxos: a primeira é formada por um circuito de impulsos eletrônicos, a segunda pelos nós e centros de comunicação e a terceira refere-se a organização das elites espaciais dominantes, onde o espaço é articulado.

⁵ Com essa expressão, Castells (1999) quis definir as características do tempo na rede, que não é igual ao conceito clássico do termo, tido como linear, irreversível, mensurável e previsível. A tecnologia reduz o tempo a alguns instantes aleatórios e, com isso, desarticula a sequência da sociedade e o desenvolvimento da história. O tempo intemporal é não sequencial e fluido, adaptado ao fluxo da rede.

⁶ No romance o termo ciberespaço “designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural” (LÉVY, 2010, p. 94).

O segundo termo, cibercultura, leva em consideração os laços sociais na rede, que não são, segundo Lévy (ibid., p. 132), baseados nas relações territoriais, institucionais ou de poder, mas “sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento de saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração (ibid., p. 132). Diz respeito, então, aos modos interativos e multidirecionais propiciados pela tecnologia, de modo que se antes supunha-se haver um modelo de comunicação “um-todos”, hoje o modelo pensável só pode ser o “todos-todos”, diluindo a barreira antes imaginada entre produção e consumo. Com isso, fica claro que “a natureza dessa cultura é essencialmente heterogênea” (SANTAELLA, 2003, p. 103), manifestadora de uma infinidade de possibilidades simbólicas e sociais que antes estavam sujeitas a um espaço reduzido de expressão.

Essa heterogeneidade é crescente e demonstra a impossibilidade de resumir as referências – seja qual for a sua instância – a ideias totalizadoras, massivas e limitadoras. Como denota Lévy (2010), quanto mais o ciberespaço se universaliza, isto é, quanto mais interconectado e interativo, menos totalizável ele se torna. Isso porque cada conexão suplementar e cada indivíduo agregado à rede lhe conferem mais heterogeneidade, mais diversidade de opiniões e, portanto, maior possibilidade de construção de conhecimento. Ou seja, podemos dizer que esse ambiente está definitivamente em expansão contínua, cada vez com mais nós e expressões, mais possibilidades de trocas, interações e rupturas.

Atualmente, pensar na ambiência que tem sido apresentada aqui é pensar também em convergência midiática e cultural. Estes termos têm relação com três conceitos básicos fundamentais: “convergência dos meios de comunicação⁷, cultura participativa⁸ e inteligência coletiva⁹” (JENKINS, 2009, p. 29). A convergência implica interação, convivência e trocas tanto entre os meios de comunicação, seus conteúdos e especificidades, quanto entre as diversas instâncias simbólicas, sociais e econômicas presentes em todo o globo. Em sua conceituação é, mais uma vez, ressaltado a diluição de fronteiras, que tão nitidamente marcam o contemporâneo, e a organização em rede, propiciando, dentre outras coisas, às pessoas assumirem o controle da mídia.

⁷ Se o paradigma anterior presumia que novos meios tendiam a substituir os antigos, hoje essa ideia foi desconstruída frente a noção de interação, coexistência e *continuum* (JENKINS, 2009). Texto, som e imagens convivem hoje num mesmo meio, onde todos podem, a princípio, produzir e consumir.

⁸ “Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo” (JENKINS, 2009, p. 30).

⁹ O termo refere-se a “capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros” (JENKINS, 2009, p. 56). Para mais, ver também Lévy (2010).

Esse papel ativo tende a potencializar o que Murray (2003) trata pelo nome de “agência” que, em síntese, é “a capacidade gratificante de realizar ações significantes e ver os resultados de nossas decisões e escolhas” (MURRAY, 2003, p. 127). Trata-se de um ambiente com opções de alternativas, aberto a contribuições, diverso em possibilidades, onde é enaltecida a capacidade de consumo, produção e compartilhamento, o que tende a mudar o conceito de mídia, suas operações e suas interrelações com o social, a estética e a percepção ligadas ao seu uso e manejo. O resultado é uma “cultura da participação”, como trabalha Shirky (2011), sentido, por exemplo, nas redes sociais, na interação com e na produção de informações, no entretenimento e outros. Com a agência a informação torna-se descentralizada e horizontalizada, fluida, alterando a suposta ordem das possibilidades, de modo que “eventos antes impossíveis tornam-se prováveis e que eventos antes improváveis tornam-se certezas” (SHIRKY, 2011, p. 29).

O que todos esses autores aqui brevemente desenvolvidos tem em comum é a tentativa de compreender o arranjo que estrutura o período a que esta pesquisa toma como fundamental para pensar a Comunicação e seu campo teórico hoje. A queda de fronteiras, a flexibilidade, fluidez, descentralidade, incerteza e possibilidades tão presentes no pensamento desses e outros nomes da época, reascendem a necessidade de uma teoria competente o suficiente para analisar essas características – sendo, portanto, capaz de comportá-las - e conseguir sugerir algo para além delas.

Vale citar que a maioria dessas ideias há tempos são desenvolvidas pela psicanálise, desde as propostas originais de Freud. Daí o entendimento que esta pesquisa propõe de uma interseção teórica entre a psicanálise e a Comunicação, já pensada por alguns pesquisadores como será visto no tópico seguinte. Se a rede – assim como a comunicação – é um lugar por onde flui nossos desejos, fantasias, memórias, relacionamentos, trânsitos, transformações, rupturas etc – conceitos que estão também no cerne da pós-modernidade - qualquer estudo que almeja estudá-la deve ser abrangente de toda a sua diversidade.

A teoria psicanalítica da Comunicação

As impressões primeiras que todo esse ambiente chamado de pós-moderno parece trazer são de incerteza quanto aos fundamentos dos campos de conhecimento e de diluição de fronteiras não apenas geográficas, mas, sobretudo, entre esses campos. A psicanálise tem buscado dar conta das implicações advindas dessas impressões, pois, para ela, o que está acontecendo não é novo em relação ao modo de operação que vem se desenvolvendo desde

Freud (1856-1939), no final do séc. XIX. Tomando o estudo dos sonhos (FREUD, 2010) como um ponto de partida exemplar, ele pensou as questões de sua época e conseguiu forçar para além delas, abrindo a porta para o que chamou de Inconsciente. Com isso, investiu na desconstrução do Eu e do cogito cartesiano – “penso, logo existo” – e apresentou a terceira¹⁰ grande ferida narcísica da história da humanidade: não somos o que pensamos ser, pois há pensamentos que ocorrem independentemente de nós. Freud desenvolveu ideias que socialmente beiravam o estranhamento, mas que, ao longo dos anos, vêm se mostrando pertinentes à construção de um saber renovador em sintonia com os acontecimentos atuais acima elencados. Trata-se de um saber para além de...; um saber que não se sabe...

A perspectiva freudiana foi retomada por diversos autores e pesquisadores, dentre os quais o francês Jacques Lacan (1901-1981), que, na segunda metade do séc. XX, fazendo o que chamou de *retorno à Freud*, sistematizou o campo conceitual e questionador da Psicanálise à luz de suas propostas iniciais. Pensadores ímpares, ambos despertaram o mundo para novas questões, o que permitiu que muitos dessem continuidade ao trabalho de ir além de muitas verdades – ou dúvidas – construídas filosófica e cientificamente até então. Nesta sequência, no Brasil, temos a Nova Psicanálise, posteriormente denominada NovaMente, trabalhadas por MD Magno¹¹, que tem se debruçado, desde os anos 1980, sobre a proposta de uma “rearrumação original do aparelho teórico clínico da Psicanálise para lidar com o ambiente sócio-tecnológico que se instala no mundo” (SILVEIRA JR., 2006, p. 4).

Essa reformatação toma o conceito de “pulsão de morte”, trazido por Freud, como o único original e fundamental da psicanálise¹². Esse conceito postula que o movimento do psiquismo está na dependência de uma força que, em última instância, busca sua completa e total aniquilação, ou seja, “extinguir-se, desaparecer, morrer” (MAGNO, 2008, p. 33). Como, porém, essa anulação definitiva jamais é alcançada – se o fosse tudo se extinguiria, não haveria mais movimento –, o que se alcança é um ponto onde a energia impulsora se transforma e inicia novamente o processo. Isso pode ser simplificarmente ilustrado pelo que concebemos como *desejo*: um desejo qualquer busca sua completa satisfação, a qual,

¹⁰ As duas outras são representadas pelas ideias de Copérnico ao indicar que a Terra não é o centro do universo e por Darwin, com o seu evolucionismo das espécies.

¹¹ Cf.: http://pt.wikipedia.org/wiki/MD_Magno.

¹² Para Lacan (2008) são quatro os conceitos fundamentais da psicanálise: Repetição, Inconsciente, Transferência e Pulsão. Para Magno (2008, p. 24), somente o último é original da psicanálise, sendo que os outros três, apesar de tomados de um sentido outro, eram conceitos oriundos de diferentes campos do saber.

uma vez conseguida, significaria sua extinção. Se o desejo fosse totalmente satisfeito, o desejante entraria num estado de gozo infinito, algo que não acontece à nossa espécie. Quando supomos que um desejo foi alcançado – embora nunca plenamente satisfeito –, ou que nunca o será, acabamos por desejar outra coisa, e assim por diante, num ciclo que não cessa.

Partindo, então, da pulsão de morte, a Nova Psicanálise apresenta um aparelho de operação para compreender esse movimento em direção à extinção e sua impossibilidade de consecução. Ela o formula num axioma: $A \rightarrow \tilde{A}$, “Haver quer não-Haver” (MAGNO, 2008, p. 28), que denota que a pulsão caminha para um Impossível Absoluto (MAGNO, 2008, p. 38), que, mesmo impossível, não cessa de ser requisitado de dentro do *Haver*, outro conceito importante. Assim, como Haver não consegue chegar a não-Haver, isto é, a um “fora” desejado, acaba “retornando” ao Haver e retomando o caminho das possibilidades, das criações, das realizações. Esta operação de ir/bater no Impossível/retornar foi denominada Revirão¹³.

[...] o movimento presente em tudo que há, quando levado a suas últimas consequências, depara-se com uma radical impossibilidade de atingir seu avesso, seu simétrico absoluto e, portanto, de extinguir-se para sempre, NÃO HAVER, como é a vocação fundamental do (seu) desejo. Esta operação de não-passagem ao desejado último é chamada de REVIRÃO, pois o movimento atinge um ponto que o faz revirar-se sobre si mesmo e ‘retornar’ – entre aspas, porque nunca saiu, não há fora (como o nome diz, o não-Haver não há) – ao Haver (SILVEIRA JR., 2006, p. 7).

O Haver é o campo do que há (e do que vier a haver) e o não-Haver é o único Impossível (os demais impossíveis só o são momentaneamente, pois, dependendo da tecnologia e da época se mostram passíveis de realização) e é justo aquele que não cessa de ser buscado por nossa espécie. Ele é a causa do empuxo do desejo, em cujo movimento ocorrem as possibilidades de transformação do que quer que compareça ou venha a comparecer. Ao querer o impossível e retornar ao Haver, frequentemente nos deparamos com o completo avesso do desejo inicial. Esta reversão já foi descrita pelas dialéticas filosóficas, mas o que especifica o Revirão é existir nele um ponto em que cada polo pode “soltar a pressão das diferenças que o estavam acuando no momento anterior” (MAGNO, 2004, p. 65), ficando, então, aberto a novas possibilidades, a não fixar-se demasiado a

¹³ Falar de Revirão é falar também de “função catóptrica”, “ponto bifido”, “exasperação”, “enantiomorfismo”, “fractalização” e outros termos, que podem ser melhor acompanhados em Magno (2008). Cf.: http://pt.wikipedia.org/wiki/MD_Magno.

formações já dadas e ao reconhecimento de diferentes formações antes não vistas. Este *ponto de indiferenciação* é outro conceito-chave da NovaMente e da teoria da Comunicação que ela propõe: a Transformática.

O que há, o que pertence ao Haver, desde partículas subatômicas e concepções das mais simples às mais complexas, são formações que se dispõem em jogos de poder, de modo que, quando uma formação é tomada como vencedora e presente, outras são recalçadas em função desta. A princípio, toda formação tem possibilidade de manifestação, que não se elimina mediante recalque, mas fica apagada ante aquela que por hora prevaleceu. As “formações são duras, reativas a qualquer tentativa de transformação e entram em luta sempre que pressentem alguma ameaça de desfiguração ou de reconfiguração de sua construção já consolidada” (SILVEIRA JR., 2006, p. 9). O homem também é considerado uma formação, mas de outra ordem, já que porta o Revirão, sendo, por isso, denominado *Idioformação*.

Se o universo tem uma formação em reflexo, espelho, catoptria, e se, em última instância, vai produzir algo que reflita sua reflexão, está é repetindo a si mesmo, naquilo que lhe é o mais próprio, e de maneiras mais variadas. É de se supor que, se isso é tão grande como se imagina, aqui e ali devem aparecer formações que independentemente de seu *hard*, i. e., de suas bases de construção – carbono, carne, silício, lata etc. –, tenham a condição *soft* de ser uma *Idioformação*, ou seja, de refletir especularmente, de fazer especulação a respeito de si mesma (MAGNO, 2008, p. 43).

Diante dessa capacidade, há de se pensar o porquê certas formações prevalecem em detrimento às demais. E para essa compreensão vale destacar os conceitos de Vínculo e de Recalque, ambos procedentes do Revirão e operados a partir de três regimes: primário, secundário e originário.

Para Freud, o Recalque¹⁴ era a pedra angular de todo o edifício da psicanálise. No percurso de Magno (2008), há um primeiro recalque que se oferece de modelo para todos os demais. Trata-se do Recalque Originário, fundado frente ao Impossível Absoluto do A→Ã. “[...] Por mais direito que tenha, o Haver desejar o não-Haver, não o conseguirá: terá que recalcar e ceder este desejo, ainda que por um átimo, um brevíssimo instante” (MAGNO, 2008, p. 87). É a partir desse modelo que se desenha os outros dois tipos. O Recalque Primário está relacionado ao que é espontâneo - é dado - como a natureza e a corporeidade.

¹⁴ Para mais informações sobre esse assunto ver Magno (MAGNO, 2008, p. 83). Freud falava em Recalque, em “retorno do recalçado” e num momento fundador de um recalque original.

Já o Recalque Secundário diz respeito às resultantes do Revirão, tais como o simbólico, a cultura e a linguagem (MAGNO, 2008, p. 91-92).

A ideia de Vínculos, outro pensamento essencial da NovaMente, veio como proposta a partir do que Freud e Lacan trabalharam pelo nome de Transferência (*Übertragung*). Tudo que Há se manifesta a partir dos vínculos, que também são de três regimes: primário (formações naturais e biológicas; já dadas), secundário (formações culturais, simbólicas etc), ambos chamados de vínculos relativos, e originário, chamado de vínculo absoluto. Este é o mais relevante a ser ressaltado aqui, pois reporta, no Revirão, à Indiferenciação, lugar de suspensão das oposições, da lei pulsional, onde tudo se relativiza, pois a única referência importante aí é aquela do impossível não-Haver. É em decorrência desse vínculo que os outros dois operam em seus regimes específicos. Juntos eles nos fazem lembrar que “todos estão vinculados ao fato de serem vinculares” (MAGNO, 1994, p. 42).

É por portar o Revirão que as idioformações podem avessar as formações em seus regimes primários e secundários. Essa possibilidade é o que permite a elas, por exemplo, os avanços científicos e tecnológicos, as diferenças históricas, o trânsito de uma coisa à outra. Como pode ser encontrado em alguns exemplos de Magno (2008), o homem não pode voar, pois isso não está no seu programa, como está no dos pássaros. No entanto, houve os que desejaram tal feito, e que, no movimento pulsional, alçaram um ponto em que puderam, diante do impossível, avessar essa condição e criar um artifício mediante o qual poderiam voar: o avião.

Segundo Silveira Jr. (2006), a vocação do humano é, frente à indissolúvel disponibilidade à vinculação, lidar artisticamente com tudo o que lhe é apresentado. E “arte é aqui tomada como articulação, artificial, artifício, donde decorre que mesmo o que se costuma chamar de natural, por oposição a cultural, seja visto como inseparável da vigência do Artificialismo Total nos processamentos mentais e sociais” (id., p. 4). Tudo que há é artifício, mediante o qual opera-se o aqui e agora, mas que não elimina a condição última de transformação.

Portanto, as formações são polos de resistência e recalantes de outras possibilidades, são sintomáticas, mas são também sujeitas a rupturas. Teoricamente elas são constituídas de duas zonas, uma focal e uma franjal. A primeira diz respeito a sua força maior, sustentadora, possível de ser reconhecida. A segunda não pode ser mensurada, mas ressalta a sua natureza vincular e pode ser pensada. Trata-se de um conjunto de formações

sem fronteiras que resistem, mas que podem perfeitamente se comunicarem a ponto de se transformarem.

Justamente por apresentar essas concepções é que a NovaMente fala em transa, transiência e trânsito de formações (MAGNO, 2004), resultando em conhecimento à luz da Gnômica proposta por Magno - campo de estudo e pesquisa sobre o conhecimento de qualquer ordem, e não apenas daqueles ressoados das ciências e das suas epistemologias. Essa noção de transa é basilar também para a chamada Transformática, cujo postulado em via de mão dupla sugere que a psicanálise é uma teoria plena da Comunicação, e uma teoria plena da Comunicação é uma teoria psicanalítica (SILVEIRA JR., 2006).

“A Transformática não é senão um longo, infinito e variável processo de colheita e arquivamento das transas entre formações” (MAGNO, 2004, p. 15). Ela almeja a suspensão dessas transas, suas resultantes e ocorrências, e, portanto, os conhecimentos daí suscitados. Qualquer coisa que se revele disponível pode ser analisada mediante a sua proposta, no sentido de escansão das formações em jogo, dos vínculos e dos sintomas, emperramentos e poderes articulados aos seus focos, tentando também vislumbrar sua rede franjal. Tudo isso apontando sempre para a possibilidade de Indiferenciação.

Seu modo de entendimento remete, portanto, à possibilidade de pensar o aglomerado de formações sem apego às relações de fronteiras sociais e simbólicas a elas associadas. Trata-se de reconhecer as polaridades e as resistências, mas ir além mediante vínculo absoluto e abertura para novas possibilidades. Em seu modo de proceder fica evidente que não há nenhuma formação que deva ser tomada hegemonicamente frente à outra qualquer, evidenciando os recalques e as formações recalçadas, as vinculações e relações de poder e as imposições que deles advêm, as diferenças e opostos, a possibilidade de ir além, de apego demasiado, de Revirão. Nesse sentido, ela consegue acompanhar bem as transformações contemporâneas e tecer análises que possam transpassar os relatos, julgamentos, formas previsíveis e enquadramentos.

Com tudo o que até aqui foi brevemente apresentado, há de se supor que nada é estanque. O Revirão denota as possibilidades, as transas e transformações, a operação mediante artifícios, a flexibilidade, a fluidez, as ambiguidades, a Indiferenciação. Relacionando isso aos conceitos pós-modernos acima descritos, percebe-se que o ambiente despontado a partir do final do séc. XX preserva como característica sintomática uma abertura a possibilidades que psiquicamente são eminentes desde sempre no homem. Essas características lembram a:

Possibilidade, portanto, em última instância de anamnese, ou seja, de rememoração de uma experiência que é a nossa, que é a experiência fundamental de nossa espécie, que certamente a tivemos em alguns momentos, mas que vem soterrada pela massa enorme dos recalques dados pela ordem do Primário assim como daqueles Secundários que a cultura, que nós mesmo fabricamos, torna a fazer desabar sobre nós (MAGNO, 2008, p. 106).

O atual cenário aponta, portanto, um não fixar-se a uma formação, ressalta o trânsito e as possibilidades. Ainda assim carrega o peso de suas épocas passadas e em alguns casos a tentativa de retrocesso. “Vivemos, então, uma situação social historicamente posta que, como todos sabemos, é cheia de afetações relacionadas a séculos, se não milênios, de repetição sintomática e que, mais recentemente, com a ajuda do desenvolvimento tecnológico, começa a implodir” (MAGNO, 2008, p. 128). A tecnologia tem grande papel nessa implosão, pois ajuda a desconstruir as ideias de fronteiras, tempo e espaço euclidianos e certezas absolutas, abrindo caminho para a mobilidade, transformações sintomáticas, diluição de fixações e daí por diante. Isso, segundo Magno (2008), seria o início do Império do Espírito – o quarto dentre os cinco impérios que o autor descreve¹⁵ -, no qual há maior articulação a nível simbólico, cultural e linguístico.

O que aqui chamo de o Espírito é simplesmente a articulação do campo do Secundário. E que cada vez mais desembaraçada – tanto do Primário quanto das estases sintomáticas do próprio Secundário, cada vez mais leve, cada vez mais rápida, cada vez mais em disponibilidade para o que vier (MAGNO, 2008, p. 164).

Diante dessas ideias, percebe-se que a virada de século traz como sintoma uma proposição já feita pela psicanálise e que esta tem contribuições relevantes à qualquer olhar que venha a ser realizado sobre a Comunicação, sobre as formações em transa e suas resultantes acerca do entendimento.

Considerações finais

Se a fronteira caiu, como sugere a pós-modernidade e a morfologia da rede, pensar sem fronteiras tornou-se uma evidente necessidade do século XXI. Se o atual paradigma é acompanhado pela não-linearidade, descentralidade, horizontalidade, rede, convergência, ambiguidade etc, qualquer pensamento que se propuser a analisar os acontecimentos dessa ordem, precisa estar aberto à possibilidades, transitividade e transformação, já que é assim

¹⁵ Os cinco são: Império do(a) Mãe, Pai, Filho, Espírito, Amém. Ver mais em Magno (2008).

que o movimento pulsional se apresenta. É a partir desse sentido que a proposta aqui desenvolvida pretende operar o campo teórico da Comunicação mediante a sua interceção com a psicanálise e com a Transformática.

Boa parte dos processos históricos, artísticos e das pesquisas científicas traçam uma barra entre tradição e ruptura, marcando aquilo que chamam de “novo” com base na mesma conceituação de diferença que há tempos predomina socialmente. Perdem com isso a referência a uma possibilidade única e vinculada a todos de, a partir do nosso aparelho psíquico, indiferenciar qualquer coisa e poder ir além, não criando fronteiras para o diferente, mas reconhecendo que se trata de formações em transa, aqui e agora, que podem e vão se transformar. Se há uma tradição, portanto, é a tradição da ruptura, que aponta para uma outra coisa frente ao já dado.

O interessante notar que o séc. XXI tem suspenso todo esse modo de operação e tem articulado questões fora de moralismos, preconceitos, barreiras, símbolos imediatos e sujeitos historicamente construídos. Tem sugerido o meio como metáfora para o movimento pulsional de nossa espécie, para a capacidade de Indiferenciação, independente de muitas pessoas ainda almejem o estagnar-se.

Se o próprio meio revela uma virada, resta àqueles que se propõem a analisar qualquer coisa desse meio, saber lidar com os conceitos de transa e formação já desenvolvidos. Pensar a Comunicação exige, então, pensar nos vínculos, transiências, artifícios, sintomas, pulsão e possibilidades para um “além de” a partir de qualquer coisa que se apresente. Isso é fundamental para o entendimento das pesquisas na área: tecnologias, relações sociais, próteses, ideias de pós-humanismo, linguagens, narrativas etc. Mediante os conceitos propostos pela Transformática talvez seja possível livrar a Comunicação das fixações nos lugares de alienação que a cultura cria, permitindo mais articulações diante das possibilidades do Haver.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do campo da comunicação**. Verso e Reverso, XXV(58):62-77, janeiro-abril, 2011.

CASTELLS, Manuel. [1999] **A Sociedade em Rede**. V.1 São Paulo: Paz e Terra, edição 2011.

FREUD, Sigmund. **Interpretações dos sonhos**. 1ª edição. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&a, 2006.
- HARVEY, David [1989]. **A compreensão do tempo-espaço e a ascensão do modernismo como força cultural**. Páginas 237-256. In: A condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre a origem da mudança cultural. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- HARVEY, David [1989]. **A compreensão do tempo-espaço e a condição pós-moderna**. Páginas 257-276. In: A condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre a origem da mudança cultural. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- MAGNO, MD. **A Natureza do Vínculo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____ **Introdução à Transformática**. Rio de Janeiro: Novamente, 2004.
- _____ **A psicanálise, Novamente**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Novamente, 2008.
- MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007a.
- SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da. **Artificialismo total: ensaios de Transformática**. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2011.
- SODRÉ, Muniz. **Comunicação: um campo em apuros teóricos**. Revista Matrizes. Ano 5 – nº 2 jan./jun. - São Paulo, 2012. Pgs. 11-27.